

O panoptismo de Foucault: uma leitura não utilitarista

PABLO SPÍNDOLA*

Esta pesquisa deter-se-á no estudo do debate de como o teórico Michel Foucault inventou a concepção do panoptismo ao se utilizar da noção do panóptico concebida por Jeremy Bentham. A concepção do panoptismo está formalizada no livro *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão (Surveiller et punir: naissance de la prison)* publicado em 1975, embora o tema já tenha sido abordado em outros momentos. Ainda em 1973, Foucault esteve no Brasil para um ciclo de cinco conferências na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde tratou do assunto. Também nos cursos realizados no *Collège de France*, nos anos de 1971 e 1972, intitulados *Teorias e instituições penais*, e no *A sociedade punitiva* de 1972 e 1973, mencionou a temática. Além disso, na coleção *Ditos & escritos: Estratégia, poder-saber*, que na edição brasileira¹ é uma reunião de textos sobre a temática explicitada no título, o panóptico e sua utilização são referidos e discutidos em artigos avulsos. O panóptico ainda é aludido no livro *Microfísica do poder*, organizado por Roberto Machado, constituindo-se numa coleção de artigos e entrevistas de Foucault, publicado em 1979.

Entretanto, o filósofo inglês Jeremy Bentham foi quem cunhou a noção do panóptico no plano físico, arquitetural, pensando num prédio que servisse para um sistema de cerceamento e controle daqueles que estão nele inseridos. O panóptico está descrito numa série de vinte e uma cartas de 1787 na Rússia, traduzidas para o português e publicadas em 2000, sob a organização de Tomaz Tadeu da Silva. Somam-se a estas cartas dois pós-escritos de 1790 e 1791, reimpressos em inglês no volume IV de *The Works of Jeremy Bentham*, editados por John Bowring. Também há uma carta de Bentham endereçada ao deputado da Assembléia Nacional francesa M. J. Ph Garran, em 1791 intitulada *Panóptico – Memorial sobre um novo princípio para construir casas de inspeção e, principalmente, prisões*, publicada na *Revista Brasileira de História* em 1987.

* Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

¹ Na edição francesa – *Dits et écrits* – a organização optou pela reunião cronológica dos textos e não temática, como no caso da publicação em língua portuguesa.

O panóptico pode ser descrito como uma estrutura física, um prédio circular com uma torre central, de onde se pode observar as celas construídas a sua volta. As celas teriam duas janelas para fazer com que a luz atravessasse cada uma delas, possibilitando à torre central ou panóptica, a todo instante, acompanhar tudo que ali se passa. A torre de observação teria grandes janelas abertas para as celas, as grades de cada compartimento não poderiam ser grossas a ponto de dificultar a visão da torre de controle, pois assim os vigiados seriam vistos em sua totalidade. Dentro da central panóptica, as janelas estariam recobertas com persianas ou biombos para impedir os que estivessem sendo observados de perceberem que estariam sendo vigiados. Logo, quem vê nunca é visto, assim como quem é visto nunca vê e está hipoteticamente sob constante observação.

Michel Foucault tenta entender o panóptico dentro das problematizações do espaço que, para ele, estariam ligadas às dificuldades, no século XVIII, de lidar com o crescente aumento populacional e as transformações oriundas desta demanda. O espaço precisa ser pensado em sua materialidade, e sua construção está inserida nas formas de direcionamento do poder enquanto ação. Assim sendo, o panóptico propõe resolver o problema de como controlar um número crescente de pessoas empregando um número reduzido de controladores. Preocupação, segundo Foucault, de uma sociedade burguesa em formação que necessita tornar mais sutis seus mecanismos de poder, para gerir um maior número de relações e pessoas. (FOUCAULT, 1979: 211-214).

Foucault analisa a construção do panóptico benthaminiano explicando que o detento é um objeto de informação à medida que é visto, mas nunca sujeito de uma ação comunicativa. Surge assim um dos efeitos do panóptico, que é introjetar a sensação de vigilância. (FOUCAULT, 2009: 190-198). A ideia de observação contínua, mesmo que não seja efetivada em seu exercício, proporciona uma subjetivação do efeito da disciplina. O recluso é coagido sob a indução de que está sendo observado. A disciplina é um conjunto das minuciosas invenções técnicas que permitem ordenar a extensão útil das multiplicidades humanas e diminuir os inconvenientes do poder. (FOUCAULT, 2009: 206).

A introjeção subjetiva tem o efeito de criar uma realidade comportamental induzida, ou seja, essa sujeição cria, mesmo que fictícia, uma relação real e mecânica de disciplina. Daí a necessidade de o poder ser visível e inverificável, construindo uma

máquina que, a partir dos mais diversos desejos, fabricasse efeitos homogêneos de poder. (FOUCAULT, 2009: 206). A aplicação desse modelo passa a ser eficaz em qualquer instituição que assim a deseje, seja a escola, o hospital, o hospício, a fábrica ou a casa de detenção. Melhorando a funcionalidade da disciplina nessas instituições por retirar o peso das velhas “casas de segurança”, a arquitetura assume o lugar da força física.

Foucault diz que a observação contínua serviria para disciplinar, sendo esse modelo aplicado à sociedade como um todo, na forma daquilo que o mesmo chamou de “docilização dos corpos”. Segundo o pensador, isto significa dizer que os métodos disciplinares contribuíram para formar uma sociedade obediente. Esta busca da disciplina é vista como uma espécie de herança das instituições criadas com a ascensão da sociedade burguesa do século XVIII, quando o corpo social vai imbuir-se da vigilância constante para adequação e estabelecimento das relações de poder. Os métodos panópticos nessa sociedade disciplinar tornaram possível uma ciência racional do homem.

A preocupação aqui é propor uma constituição hermenêutica das construções discursivas da realidade, estando entre elas a história e o seu fazer-se. Essa percepção não é respondida direta ou indiretamente, mas deve ser buscada para garantir uma aproximação da historicidade das escolhas tomadas por Foucault. A questão não é a confirmação ou a refutação das teses foucaultianas, mas entender os caminhos percorridos pelo autor em direção ao seu objeto e que o levaram à constituição do panoptismo como uma ferramenta de compreensão do passado. Pois o panóptico é também a forma encontrada pelo pensador para entender uma temporalidade.

A invenção do panoptismo por Foucault obedece a uma trajetória filosófica que está preocupada com um historiar próprio, porém as preocupações de seu inventor, Jeremy Bentham, não são as mesmas escolhidas e ressaltadas por Foucault. Tentar entender o que Bentham propunha à luz de sua historicidade e ideias é fundamental para perceber as nuances da invenção realizada por Foucault. Para entender como Foucault inventa o panoptismo é necessário perceber as proposições de Jeremy Bentham que, para além de dar razão a um ou outro, são propostas distintas e inseridas em trajetórias intelectuais diferentes. As cartas escritas da Rússia, os pós-escritos, a carta endereçada à França, ajudam a fazer essa reconstrução.

No momento do nascedouro do modelo panóptico, os debates sobre a prisão estavam vivos nas sociedades que queriam uma reforma no seu ordenamento penal. Havia motivações para se considerar o encarceramento prisional inadequado. Primeiro, impedia o poder judiciário de controlar e verificar a aplicação da lei, antes vista em local público. Segundo, a prisão misturava os condenados, podendo fabricar um exército de inimigos interiores ao próprio governo. Terceiro, fornecia abrigo, roupas, comida e frequentemente trabalho, garantindo melhor destino para os presos do que para alguns operários da época, podendo gerar atração de delinquentes. Quarto, as pessoas presas terminariam fadadas à criminalidade pelos hábitos e infâmia adquiridos no processo que os levava à prisão e os aprendidos no período do cárcere. (FOUCAULT, 1994: 29-30)

Foucault afirma que para superar estes entraves uma vantagem se sobressai, a de que a prisão produz a figura discursiva da delinquência, esta entendida no constituinte de uma prática. Segundo ele, a produção deste instrumento de controle e pressão sobre o ilegalismo não pode ser negligenciado para entender o exercício do poder sobre os corpos. Elabora-se um elemento físico do poder, o panóptico, que sucinta a psicologia do sujeito. Psicologia esta da sujeição do controle disciplinar. (FOUCAULT, 1994: 42-43). O panóptico de Bentham é o modelo, segundo Foucault, que consegue superar estes problemas.

O panóptico, descrito nas cartas, é o seguinte:

O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser de celas. Essas celas são separadas entre si e os prisioneiros, dessa forma, impedidos de qualquer comunicação entre eles, por partições, na forma de raios que saem da circunferência em direção ao centro, estendendo-se por tantos pés quantos forem necessários para se obter uma cela maior. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor. [...] Cada cela tem, na circunferência que dá para o exterior, um janela, suficientemente larga não apenas para iluminar a cela, mas para, através dela permitir luz suficiente para a parte correspondente do alojamento. A circunferência interior da cela é formada por uma grade de ferro suficientemente fina para não subtrair qualquer parte da cela da visão do inspetor. (BENTHAM, 2000: 18.).

Um aparelho arquitetural sustentado por toda uma estrutura de isolamento de cada preso onde nem mesmo a preocupação com os dejetos escapa. Cria-se também um sistema de tubos de lata que liga a torre central a cada cela, para o inspetor ter acesso sonoro em cada uma delas e disciplinar o preso. Sistema esse abandonado posteriormente por não encontrar uma saída em que o inspetor também não fosse ouvido pelos presos. Todo processo de construção é minuciosamente explicado dando inclusive a medida em “pés” para a construção. (BENTHAM, 2000: 20-23). Este modelo pode ainda ter uma variável de construção de duas torres panópticas para possíveis exigências no sistema carcerário dado o volume de presos, para que não se diminuísse a vigilância.

A parte essencial do plano é a centralidade, combinada com o dispositivo eficaz para ver sem ser visto. Para tal, a forma do edifício mais apropriada é a circular.

Você ficará satisfeito em observar que, embora o ponto mais importante seja, talvez, o de que as pessoas a serem inspecionadas devam sempre sentir-se como se estivessem sob inspeção, essa não é de forma alguma, a única possibilidade [...] O que é também de importância é que, para a máxima proporção de tempo possível, cada homem deve realmente estar sob inspeção. [...] Não apenas isso, mas quanto maior for a probabilidade de que uma determinada pessoa, em um determinado momento, esteja realmente sob inspeção, mais forte será a persuasão – mais intenso, se assim posso dizer, o sentimento que ele tem de estar sendo inspecionado. (BENTHAM, 2000: 25).

A idéia é fixar o inspetor, se necessário com sua família, para aumentar o poder de observação, onde qualquer um o exerce seja por laços familiares, necessidade de função ou mesmo curiosidade individual de observação.

A vantagem do plano é a “aparente onipresença” combinada com a extrema facilidade de sua real presença. (BENTHAM, 2000: 26) O que implica em diminuição na quantidade de pessoal, sem diminuição da inspeção. O controle dos subalternos também é amplificado, estando esses expostos ao controle do inspetor-mor, assim como os prisioneiros. Evitando excessos da parte desses subordinados para com os presos e respondendo a inquietante pergunta de “Quem guarda os próprios guardas?”. Outro benefício é facilitar a visita e/ou inspeção dos juízes e outros magistrados, com melhor visualização e diminuição dos riscos de infecção, associando à disciplina. O grau de

confiança nesse sistema permite inclusive a abertura para visitas de quaisquer pessoas que desejem observar o funcionamento da instituição, bem como os benefícios realizados por ela na correção do preso.

As casas penitenciárias se apresentam como sendo uma custódia segura. Daí a aplicabilidade dessa forma arquitetural aumentar o grau de segurança, pois para sair desse sistema de observação contínua seria necessário reunir forças na tentativa de organizar uma fuga. Como não há contato entre os prisioneiros, ou pouquíssimo, e a vigilância é ininterrupta se garante a segurança efetiva. Esse lugar de confinamento passa a ser muito eficiente. (BENTHAM, 2000: 29-30)

A aplicação desse modelo leva o indivíduo à solidão, necessária para a sua reabilitação e o mantém constantemente segregado mesmo quando se recebe os benefícios dos serviços religiosos. Concepção religiosa associada à reforma protestante do final do século XVIII, e de grande força na Grã-Bretanha. Com o edifício circular isso seria feito dentro da distância de observação, evitando brigas, conspirações e fugas eventuais. (BENTHAM, 2000: 30-31) À medida que esse corpus vai sendo disciplinado, suas funções podem ser utilizadas socialmente. Bentham comentou de maneira técnica e pormenorizada como empregar a força de trabalho prisional na aplicação das mais diversas tarefas. O argumento busca convencer da lucratividade de investimentos que pode ser obtido ao se investir num corpo prisional disciplinado e eficiente para trabalhar na produção de comerciantes que venha a contratá-los. Tema este abordado, ao mencionar sobre contratos a serem firmados e a defesa de transparência pública na administração do sistema de inspeção. (BENTHAM, 2000: 31-34)

Bentham discute qual o ofício mais vantajoso, no qual deveria ser empregada esta mão-de-obra, subdividindo-a em quatro grandes categorias: trabalhadores capazes, bons, promissores e inúteis. Em seguida, é posta a prova a ideia de reforma do indivíduo, observando o debate sobre se deve ou não permitir que o preso trabalhe num ofício que goste, já que se poderia entender o trabalho também como uma penitência. Dessa forma, o preso não poderia trabalhar em algo que lhe fosse agradável, por esse não ser um método eficiente para reformar o caráter do indivíduo. Deveriam ser estabelecidas, inclusive, comissões de julgamento para discutir essa tarefa. (BENTHAM, 2000: 34-39)

Em seguida Bentham, comenta em quais ofícios podem trabalhar os presos. A preocupação é fazer com que essa escolha não tenha uma interferência nociva no mercado de mão-de-obra, nem funcione como uma divisão do trabalho que proporcionaria uma quebra em eventuais ciclos de produção na Inglaterra. (BENTHAM, 2000: 39-41) Ele também fala sobre a autoridade posta em prática pelos controladores dessa mão-de-obra. A preocupação é que estes não exerçam sua dominação de forma excessiva, o que provocaria um problema, mesmo se levando em consideração o fato de a mão-de-obra ser infratora. Esse limite seria feito pensando-se numa possível multa a ser paga por eventuais baixas nessa mão-de-obra, evitando exageros de quem os empregasse. Tudo isso como fruto de um sistema arquitetural que disciplina. (BENTHAM, 2000: 42-45) O método para estimular a força produtiva desse trabalhador é o do pagamento de um valor de acordo com seu trabalho, que mesmo sendo inferior ao comumente pago, seria algum tipo de soldo para alguém que, inicialmente, ficaria sem receber remuneração. (BENTHAM, 2000: 45-47)

No bojo desse processo de associação do preso disciplinado com o trabalho, o debate gira em torno da livre escolha do trabalho; o preso pode adquirir uma habilitação para quando sair exercê-la e ainda juntar dinheiro para quando cumprida a pena se reinserir socialmente. E independentemente do destino dado a essa quantia acumulada, lícitos ou ilícitos, fica a função aprendida e uma mão-de-obra barata por ser um ex-presos. (BENTHAM, 2000: 47-48)

As vantagens obtidas, para o filósofo, em relação à economia pecuniária, ao se implantar a arquitetura das casas de inspeção são inúmeras: diminuição da quantidade de material para construção, pois o tamanho e a estrutura do prédio são menores do que o usualmente utilizado, por consequência, o terreno necessário também é menor. A quantidade de mobília segue essa redução. O número de funcionários também vai ser menor. Todo o conjunto panóptico passa a funcionar de maneira mais “enxuta” em termos financeiros e, em sendo aprovada a Lei de trabalhos forçados, poderia funcionar praticamente se auto-sustentando e sua função de fazer com que os prisioneiros “*trabalhem, rezem e sofram*” é assim completada. (BENTHAM, 2000: 52)

O modelo de inspeção benthaminiano também poderia ser aplicado a estabelecimentos de trabalhos forçados que não eram prisões, mas casas de correção, mesmo sendo pensado inicialmente como casas penitenciárias. Seria necessário passar

por algumas alterações: substituição de paredes por partições ou cortinas; o refeitório poderia ser coletivo; o dia de descanso como em outras instituições, sem mitigações, não necessariamente para rezar e reformar o indivíduo como na detenção. (BENTHAM, 2000: 54-56)

As casas penitenciárias do panóptico, poderiam também funcionar como casas de custódia segura. Todavia, como os enquadrados nessa categoria ainda não foram julgados, não poderiam partilhar por antecipação das punições impostas aos “convictos”. Nessa custódia segura, o isolamento não é sustentável e as partições de espaços são desnecessárias. O trabalho forçado para esses pode ser imposto desde que recebam por isso e lhes caiba a escolha do ofício, tendo em vista que sua condenação ou absolvição ainda não foi finalizada. (BENTHAM, 2000: 56-58)

A aplicação do princípio da inspeção segue também em direção aos negócios da manufatura, que é completamente viável, principalmente se o ali empregado recebe por hora de trabalho. Se centralizaria num figura para presidir, este funcionaria como um centro de observação, o seu escritório ficaria numa parte central e superior para observar sem necessariamente ser visto. Poderia assim detectar falhas na organização, má vontade em produzir e mesmo aqueles que desempenham suas funções com desenvoltura. (BENTHAM, 2000: 58-59)

O princípio de inspeção, depois da utilização nas casas de detenção alcançaria também eficácia na aplicação dos hospícios. A inspeção seria um importante e competente instrumento de controle, no qual a vigilância do insano vem conjuntamente com uma tentativa de discipliná-lo e o isolamento como modelo de regeneração. Essa mesma inspeção evitaria a utilização de correntes e outros tipos de sofrimentos físicos desnecessários a partir desse sistema, e diminuiria os abusos por parte dos que lidam com os insanos. (BENTHAM, 2000: 59-60)

Os hospitais também seriam locais onde a implantação desse modelo de inspeção seria aplicável. Para o médico, que em certa medida, necessita ser onipresente para como os seus enfermos, um sistema de comunicação eficiente resolveria essa pretensão. A comunicação se realizaria numa dupla função, pois tanto o médico se comunica com o paciente como este com o médico. Mesmo pronunciando um murmúrio, comum a quem convalesce, o doente seria ouvido. O médico ainda poderia observar se seu remédio esta sendo ministrado nas doses corretas e em tempo hábil. A arquitetura circular ainda

proporciona uma minimização de infecções, pois as eventuais infecções que estivessem no ar poderiam se dissipar mais rapidamente dado que se teria uma maior circulação de ar. (BENTHAM, 2000: 60-63)

Numa carta acrescida posteriormente sobre as escolas, Bentham aplica-lhe o princípio da inspeção. Tem-se, como nas outras aplicabilidades, a benesse da observação que acaba com o problema da “cola” e aprimora o aprendizado da disciplina sem a necessidade de castigo corporal. Contudo, se inicia um debate sobre os efeitos dessa prática nas escolas por não se saber ao certo as consequências na educação quando a inspeção se torna extremada. Uma delas seria a possibilidade de formar alunos que reproduziriam o pensamento do professor, dado o alto grau de disciplina. O que poderia ocasionar uma perda de inventividade, proporcionando a formação de pessoas autômatas. A justificativa para esse risco é a finalidade da educação, que é a disciplina, se esta proporciona felicidade não importa as suas consequências. (BENTHAM, 2000: 66) A única ressalva é a segurança a respeito da escolha do mestre, pois sendo esta bem feita, não haveria com o que se preocupar. Assim, como o corpo de uma criança é fruto do de seu pai; a mente é resultado da de seu mestre.

As ideias apresentadas até aqui, tanto de Foucault como de Bentham, tem o intuito de evidenciar que os pensadores tem problemáticas diferentes, tem preocupações diferentes, objetos distintos, sobretudo objetivos díspares. Foucault, como visto, estava refletindo sobre a relação entre o poder e o saber, de como discursos se articulam e formam poderes. Bentham, por sua vez, na sua trajetória intelectual, construiu uma filosofia moral preocupada em responder pragmaticamente a inquietações éticas. Essas diferenças mostram como o panóptico é uma resposta para uma sociedade que buscava solucionar problemas com os presos, disciplinas e relações de poder, já o panoptismo inventado por Foucault consistiria em perceber como esse panóptico é o indicativo de uma percepção social.

As formas de historiar de Foucault, ao pensar sobre as relações de poder estão interessadas em como socialmente se constituíram percepções sociais, como a visão de uma sociedade mudou no seu trato da punição. Como o saber produziu um discurso autorizado sobre o prisioneiro, mostrando-se mais eficaz por ser menos custoso e produtor de comportamentos, que teve sua tentativa de materialidade na construção do panóptico. Por isso, ele está interessado nas relações discursivas, mas

fundamentalmente em sua forma físico-material, e nos desdobramentos que ela vai ter ao constituir poder. Poder este que não existe ou emana de uma entidade superior e estabelece uma relação dicotômica: bem X mal, oprimido X opressor, população X Estado; mas um poder que existe enquanto prática e exercício ordinário. Como ele mesmo explica:

O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetido a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles. (FOUCAULT, 2002: 35)

Algumas críticas foram feitas a Foucault por conta da leitura realizada do panóptico, tanto por historiadores, como por filósofos, mas especificamente por estudiosos do utilitarismo. Será tomado aqui como exemplo às realizadas por Davidson Sepini Gonçalves no trabalho *O panóptico de Jeremy Bentham: por uma leitura utilitarista*. A escolha desse trabalho deve-se ao fato deste ter como objetivo tentar “mostrar que a leitura de Foucault, por não levar em conta os pressupostos da ética utilitarista que caracterizam toda a obra de Jeremy Bentham, descredencia-se à tarefa de elucidar do que venha a ser realmente o projeto Panóptico.” (GONÇALVES, 2008: 118)

Davidson Sepini Gonçalves afirma: “A descrição do princípio panóptico por Foucault, já de início, causa uma certa indignação ao leitor menos avisado” (GONÇALVES, 2008: 87) em seguida diz “Foucault insiste nessa leitura pejorativa do panóptico ao observar suas características” (GONÇALVES, 2008: 88) argumenta também que “Foucault parece querer dar um caráter ardiloso a um detalhe técnico” (GONÇALVES, 2008: 88), comenta ainda “Mais o que, para Bentham é uma estrutura eficiente de controle e execução de tarefas, para Foucault é uma ameaça. Ameaça de experiências inescrupulosas que visem modificar comportamentos e transformar personalidades.” (GONÇALVES, 2008: 91)

Se considerados o objetivo do trabalho, *mostrar que a leitura de Foucault, por não levar em conta os pressupostos da ética utilitarista que caracterizam toda a obra de Jeremy Bentham, descredencia-se à tarefa de elucidar do que venha a ser realmente*

o projeto panóptico, podem ser vistos deslizes ou mesmo equívocos na argumentação apresentada, no que se refere a uma leitura mais aprofundada a respeito da proposta de Foucault.

O primeiro e mais significativo deles talvez seja a premissa de partida, Foucault em momento algum do seu livro pretende elucidar o que é a projeto panóptico “*realmente*”, assim como não está interessado propriamente na ética utilitarista. Ele não menciona nenhuma palavra sobre o utilitarismo, nem sobre seus pensadores que não seja Bentham, mais dos que isso, mesmo as outras obras de Bentham não são citadas. Seu interesse é perceber o panóptico como um sintoma, uma evidência do que era possível dizer e seus limites de “*dizibilidade*”, em como foi possível pensar o que foi pensado, suas condições de possibilidade.

Também é um equívoco ver em Foucault adjetivações: “*leitura pejorativa*”, “*caráter ardiloso*”, “*ameaça de experiências inescrupulosas*”, nenhum desses termos é empregado pelo pensador, todos são fruto de seus leitores, que assim como ele, lêem e fazem interpretações. O adjetivo que Foucault utiliza, e na verdade inventa, é o panoptismo vendo-o como a reverberação social do projeto de Bentham, mas fundamentalmente como o indicativo de uma historicidade.

Bentham foi tomado como exemplo de uma determinada percepção social que respondeu a problemas, específicos de seu tempo, e interessa na exata medida em que compõe um quadro mais amplo. A noção do panóptico como representação física de uma temporalidade é transformada em chave hermenêutica para historiar, daí ser possível falar em panoptismo, o alargamento da ideia é que faz o diferencial do historiar genealógico levado a cabo por Foucault. Historiar esse que vai na contramão de quem busca falar em panóptico “*real*” ou “*verdadeiro*”, pois este que propõe encontrar a origem, preocupado com um mito de fundação, efêmero e fugaz, é ao olhos de Foucault motivo de riso:

A história ensina também a rir das solenidade de origem. A alta origem é o “exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial”: gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontram em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã. (FOUCAULT, 1979: 18)

Uma compreensão mais precisa do olhar genealógico impediria esse equívoco, pois:

O genealogista necessita da história para conjurar a quimera da origem, um pouco como o bom filósofo necessita do médico para conjurar a sombra da alma. É preciso saber reconhecer os acontecimentos da história, seus abalos, suas surpresas, as vacilantes vitórias, as derrotas mas digeridas, que dão conta dos atavismos e das hereditariedades; da mesma forma que é preciso saber diagnosticar as doenças do corpo, os estados de fraqueza e de energia, suas rachaduras e suas resistências para avaliar o que é um discurso filosófico. A história, com suas intensidades, seus desfalecimentos, seus furores secretos, suas grandes agitações febris como suas síncope, é o próprio corpo do devir. É preciso ser metafísico para lhe procurar uma alma na idealidade longínqua da origem. (FOUCAULT, 1979: 19-20)

Outro erro visto em algumas passagens da argumentação apresentada por Davidson Gonçalves, em específico, na parte dedicada ao “panoptismo de Vigiar e punir” é quanto à utilização de citações e os recortes feitos. Por exemplo, Davidson diz que “o que preocupa Foucault não são mais as grades, mas sua ausência e a eficácia dessa ausência” (GONÇALVES, 2008: 91), porém não coloca a citação completa, pois quem afirma isso é Bentham. Foucault diz “*Bentham se maravilha de que as instituições panópticas pudessem ser tão leves: fim das grades, fim das correntes, fim das fechaduras pesadas: basta que as separações sejam nítidas e as aberturas bem distribuídas.*” (FOUCAULT, 2009: 192)

Em outra passagem Davidson Gonçalves comete o mesmo equívoco em relação a citação “*Foucault atribui ao sistema de vigilância do panóptico, uma qualidade que não lhe pertence: observar sem que se saiba observado*” (GONÇALVES, 2008: 94) o que Foucault diz é

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder a qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. (FOUCAULT, 2009: 192 – Grifo nosso)

Foucault está explicando como se dá o processo de sujeição, de introspecção do poder, como o corpo é sujeitado e conduzido por uma relação de visibilidade. O deslocamento que ele faz em relação a Bentham, sem com isso contradizê-lo, é perceber que o fato de ser observado e saber disso conduz a uma inscrição em si da relação de poder. Para além do controle do outro, a sujeição produz a vigilância de si mesmo, ou seja, o submetido à visibilidade além de saber que está sendo observado pode introjetar a sensação a ponto de não mais saber se está mesmo sendo ou não.

Novamente Davidson Gonçalves se equivoca ao afirmar que *“Para Foucault, o poder panóptico se contrapõe a todo processo de desenvolvimento a não ser que se estabeleça, de maneira contínua e homogênea, uma sociedade disciplinar, cujo referencial seriam seus próprios mecanismos.”* (GONÇALVES, 2008: 95) O que Foucault disse foi *“O esquema panóptico é um intensificador para qualquer aparelho de poder: assegura sua economia (em material, em pessoal, em tempo); assegura sua eficácia por seu caráter preventivo, seu funcionamento contínuo e seus mecanismos automáticos.”* (FOUCAULT, 2009: 195) O esquema panóptico, a arquitetura, é um desenvolvimento que possibilita intensificar os aparelhos do poder, não de maneira contínua e homogênea, cujo referencial já está presente nos mecanismos do aparelho de poder.

As diferenças na forma de pensar o panóptico entre Bentham e Foucault são fruto de preocupações distintas e a leitura proposta pelo francês é, sobretudo, de inquirir sobre uma temporalidade que permitiu pensar o panóptico. Essa percepção que a sociedade deu como resposta é o objeto da investigação foucaultiana, por que com ela vem uma mudança nas relações de poder que estão acompanhadas também de mudanças em relação à disciplina. A mudança de um regime de disciplina a outro é fundamental, o panóptico é a expressão concreta desse discurso metamorfo. O pensador afirma isso:

Mas o Panóptico não deve ser compreendido como um edifício onírico: é o diagrama de um mecanismo de poder levado à sua forma ideal; seu funcionamento, abstraindo-se de qualquer obstáculo, resistência ou desgaste, pode ser bem representado como puro sistema arquitetural e óptico: é na realidade uma figura de tecnologia política que se pode e se deve destacar de qualquer uso específico. (FOUCAULT, 2009: 194)

Foucault tomou o panóptico como exemplo para demarcar uma organização de discursos que possibilita um modelo social diferente do em voga até então. Nesse outro modelo os procedimentos técnicos determinam uma sociabilidade em que a força física foi substituída pela força disciplinar, com isso, ele estabeleceu uma relação entre a sociedade disciplinar e o panóptico. A forma de problematizar o seu objeto leva em consideração os micropoderes, oriundo do pensamento do poder enquanto relacional e prático, onde as questões levantadas pelo utilitarismo são, sobretudo, o indicativo não o objeto em si. Requerer do pensador essa preocupação é pedir algo que ele não se propõe a fazer.

A questão central do trabalho de Davidson, que é perceber o panóptico do Bentham como parte do conjunto da obra, tendo este que ser entendido dentro da teoria utilitarista, e dentro do contexto teórico é que o panóptico se torna uma coisa razoável, é uma problemática que não diz respeito aos interesses de Foucault. Sendo mais claro, Foucault não se propôs estudar o utilitarismo. Foucault se propõe estudar um problema: de que maneira foi possível uma racionalização do exercício poder no século XVIII que fez emergir uma nova “economia” das relações de poder.

Foucault não propõe fazer uma leitura utilitarista. Não parece ser relevante pra ele, enquanto construção do seu argumento em *Vigiar e Punir*, pensar Bentham enquanto utilitarista. O que fica claro é que Foucault fez uma escolha, optou por não comentar sobre o utilitarismo. Há um recorte nos estudos dele em relação a Bentham, ele seleciona dentro da sua forma de historiar um modelo de Bentham. Requerer de Foucault que ele trate do utilitarismo ou para falar do panóptico retome toda ética utilitarista é querer que um pensador responda às angústias do leitor e não aos objetivos que se propôs.

Mostrar como Foucault fez escolhas e quais foram é tentar evidenciar esse historiar. Não cabe a especulação se Foucault leu todas as obras de Bentham ou se não leu, se ele tinha conhecimento sobre o que era o utilitarismo inglês ou desconhecia, no entanto resta a constatação: ele não cita. Entretanto, ele descreveu Bentham como mais relevante que Kant, como um “ovo de colombo” para o pensamento do ocidente e ainda assim mantém silêncio sobre a noção de utilitarismo. Todavia é importante perceber que ele fez isso, que foi feito um recorte. Onde ele separou seus argumentos e em seguida os

montou. Cabe numa investigação mais apurada, perceber como um determinado pensador se comportou diante um dado problema.

O panóptico tem uma historicidade, tanto na trajetória filosófica de Foucault como na do seu criador, Jeremy Bentham. A pesquisa sobre essa historicidade precisa levar em conta uma série de ligações e argumentações: Qual era o momento pessoal de Foucault ao falar sobre o panóptico que poderia ter ligação com sua escrita? Quem eram seus interlocutores? A que inquietações ele se relacionava e respondia? Essas perguntas podem ser feitas igualmente para Bentham, pois as respostas ajudam a entender como Foucault inventa, ao alargar a ideia de Bentham sobre um plano arquitetural, o panoptismo. Tomar o panoptismo como invenção é percebê-lo como chave interpretativa de uma época que associadas a mudanças na concepção de disciplina, punição e exercício do poder constituem uma temporalidade, uma forma de historiar.

Tomar Foucault como inventor do panoptismo é tentar entender o que faz um historiador quando faz história, e a resposta é dada justamente na constituição dessa passagem do panóptico ao panoptismo. Não por acaso que o livro de Foucault com maior receptividade e reação entre os historiadores é *Vigiar e punir*, que foi longamente debatido, suscitou polêmicas, mas ofereceu possibilidades diferentes de se praticar o ofício do historiador. A forma de fazer história, reflexiva com componentes de filosofia, inclusive, mostra como foi possível inventar um chave hermenêutica como o panoptismo, que mais do que um conceito é um entendimento bom para pensar sobre uma determinada temporalidade.

Esse historiar genealógico tem também uma temporalidade, esta inserido numa problemática datada, assim como, se encaixa dentro da trajetória intelectual que ele desenvolvia. Não se trata de, com isso, perceber no pensamento de Foucault um desenvolvimentismo do seu historiar, ou mesmo uma evolução, porém as suas ideias e a sua forma de fazer história não estão soltas, elas têm ligação com seus escritos anteriores e passaram a ter com o posteriores. Ligações essas que são, sobretudo, de transformação mas também de incorporação, negação, rejeição, exclusão. São mudanças no seu historiar que vão além do desenvolvimento de uma forma de fazer/escrever história e passam por diferentes momentos, diferentes questões, diferentes objetos e objetivos.

Bibliografia

BENTHAM, Jeremy. O Panóptico ou a casa de inspeção. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Panóptico – Memorial sobre um novo princípio para construir casas de inspeção e, principalmente, prisões. In: **Revista brasileira de história**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, vol. 7, nº 14, março/agosto de 1987. p. 199-229.

_____. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

FOUCAULT, Michel. O Olho do poder. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 1979.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 1979.

_____. **Resumos dos Cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1994.

_____. **Em Defesa da Sociedade curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GONÇALVES, Davison Sepini. **O Panóptico de Jeremy Betham: por uma leitura utilitarista**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2008.